

**“EU TOMEI UM PREPARADO, DO TEMPO DA MINHA VÓ”<sup>1</sup>:  
ORÍentação de pesquisas pretas nas Artes da Cena**

**“EU TOMEI UM PREPARADO, DO TEMPO DA MINHA VÓ”:  
ORÍentación de la investigación negra en las Artes Escénicas**

**“EU TOMEI UM PREPARADO, DO TEMPO DA MINHA VÓ”:  
Black research ORÍentation in the Performing Arts**

Victor Hugo Neves de Oliveira<sup>2</sup>  
<https://orcid.org/0000-0003-2622-1277>

**Resumo**

A prática de orientação de pesquisas compõe uma das atividades mais árduas no exercício profissional das educadoras e dos educadores, no espaço das universidades, estabelecendo-se como parte integrante das práticas formativas no panorama das Artes da Cena. Entretanto, apesar de se estabelecer como uma atividade formativa com ciclos e dimensões bastante complexas, o interesse das educadoras e dos educadores brasileiros acerca da temática é bastante recente e no contexto das Artes da Cena o debate é raramente explorado. Por isso, esse artigo buscou compartilhar um conjunto de experiências desenvolvidas nos processos de orientação de uma comunidade específica de estudantes: as pessoas de ascendência africana ou vinculadas às religiosidades de matriz africana. Para tanto, observou-se um conjunto de documentos pessoais elaborados em formato de devolutivas, cartas e pareceres como resultado das práticas de orientação. Além disso, propõe-se uma definição da noção de ORÍentação, com ênfase na noção iorubá de orí, como um ato poderoso de reivindicação das perspectivas afrodiáspóricas e de organização dos sentidos do axé no panorama da formação e pesquisa no campo das Artes da Cena.

**Palavras-chave:** orientação, pesquisa, universidade, artes da cena, axé.

**Resumen**

La práctica de orientación a la investigación es una de las actividades más arduas en la práctica profesional de los educadores, en las universidades, y son parte integrante de las prácticas de formación en el panorama de las Artes Escénicas. Sin embargo, a pesar de estar establecida como una actividad de formación con ciclos y dimensiones muy complejas, el interés de los educadores brasileños por el tema es bastante reciente y en el contexto de las Artes Escénicas el debate es poco explorado. Por esta razón, este artículo buscó compartir un conjunto de experiencias desarrolladas en los procesos de tutoría de una comunidad específica de estudiantes: personas afrodescendientes o vinculadas a religiones de origen africano. Para ello, se analizó un conjunto de documentos personales, producidos en forma de feedback, cartas y opiniones como resultado de las prácticas de orientación. También propone una definición de la noción de ORÍentação, con énfasis en la noción yoruba de orí, como un poderoso acto de reivindicación de las perspectivas afrodiáspóricas y de organización de los significados del axé en el panorama de la formación y la investigación en el ámbito de las Artes Escénicas.

**Palabras clave:** orientacion, investigación, universidad, artes escénicas, axé.

**Abstract**

The practice of guiding research is one of the most arduous activities in the professional practice of educators in universities, and is established as an integral part of training practices in the Performing

<sup>1</sup> Trecho extraído da música *Preparado da Vovó* interpretada por Jovelina Pérola Negra.

<sup>2</sup> Artista e pesquisador das Artes da Cena. Professor do Departamento de Artes Cênicas e do Mestrado Profissional em Artes da Universidade Federal da Paraíba (PROF-Artes/UFPB). Professor colaborador do Programa de Pós-Graduação em Performances Culturais da Universidade Federal de Goiás (UFG) e do Programa de Pós-Graduação em Artes Cênicas da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN). Pós-doutor em Cultura e Artes pelo Instituto de Estudos Avançados da Universidade de São Paulo (IEA/USP).

Arts panorama. However, despite being established as a training activity with very complex cycles and dimensions, the interest of Brazilian educators in the subject is quite recent and in the context of the Performing Arts the debate is rarely explored. For this reason, this article sought to share a set of experiences developed in the orientation processes of a specific community of students: people of African descent or linked to religions of African origin. In order to do this, a set of personal documents produced in the form of feedback, letters and opinions as a result of orientation practices was observed. In addition, we propose a definition of the notion of ORÍentação, with an emphasis on the Yoruba notion of orí, as a powerful act of claiming Afro-diasporic perspectives and organizing the meanings of axé in the panorama of training and research in the field of Performing Arts.

**Keywords:** orientation, research, university, performing arts, axé.

## Introdução

A prática da orientação de pesquisas desenvolvidas no campo das Artes da Cena, no contexto das graduações e das pós-graduações, me parece um grande desafio. Verificar modos de elaborar emoções, aprofundar debates, potencializar conceitos, expandir discursos, atender aos prazos, responder às expectativas e negociar sobre formatos de apresentações das pesquisas não é tarefa fácil. A orientação, por isso, compõe uma das atividades mais árduas, no exercício profissional das educadoras e dos educadores no espaço das universidades, estabelecendo-se como parte integrante das práticas formativas no panorama das Artes da Cena.

Conforme Peirano (2004), as atividades de orientação são processos que compõem a vida acadêmica; afinal, todas as pessoas que concluíram níveis formativos nas universidades passaram por práticas de orientação, o que nos leva a compreender a orientação não como um momento isolado da formação universitária, mas como um amplo e expressivo processo que vincula reprodução, continuidade e expansão dos conhecimentos. Os processos de orientação, portanto, são fundamentais não apenas para a operatividade de conceitos, mas também para o desenvolvimento de habilidades críticas, que estimulam questionamentos, reflexões, interpretações dos fenômenos e, em suma, contribuem para a produção acadêmica.

Por isso, identifico a orientação como um procedimento histórico que estabelece um encontro intersubjetivo, por meio do qual as pessoas orientadoras e as pessoas orientadas, envolvidas no processo de pesquisa, buscam expandir perspectivas conceituais, atualizar procedimentos metodológicos e reposicionar teorias. Entendo as orientações como práticas do encontro que estabelecem diálogos entre continuidades-mudanças (Sahlins, 2003) e convenções-invenções (Wagner, 2012). Afinal, se as pessoas orientadas organizam projetos partindo das compreensões preexistentes do mundo, é diante das contingências deste encontro, com orientadoras e orientadores, que estudantes repensam complexos esquemas teóricos e as convenções da pesquisa.

É nestes termos que as investigações desenvolvidas por nossas orientandas e orientandos expressam um prolongamento das nossas perspectivas teóricas e práticas artísticas. E, me parece que, mesmo nos casos em que se pode observar divergências conceituais entre a pesquisa da pessoa que orienta e a pesquisa da pessoa que é orientada, existe ali uma cumplicidade investigativa que é resultado de trocas estabelecidas em rodas de descontração, conversas nos cafés das universidades, viagens para eventos acadêmicos, pareceres e devolutivas sobre o processo de escrita, estágios docentes, cartas afetivas, autorias partilhadas na elaboração de artigos, disputas e conflitos institucionais, dentre muitas outras coisas.

Por sua vez, os processos investigativos desenvolvidos por nossas orientandas e por nossos orientandos não apenas atualizam nossos arcabouços literários e os campos de nossas referências, como também desenham mapas formativos e partilham aprendizagens que nos levam a reorganizar as metodologias de ensino, as práticas de criação, os protocolos de produção poética e os projetos institucionais. Além disso, a orientação nos leva a criar parcerias intelectuais com jovens pesquisadoras e pesquisadores que não apenas configuram genealogias teórico-metodológicas e potencializam nossas investigações (ampliando diálogos teórico-conceituais com os nossos textos e referências), mas também expressam trocas afetivas e reposicionam responsabilidades sociais, aprofundando, com isso, dimensões éticas e estéticas da pesquisa.

Nesse contexto, se por um lado, compreendo que as práticas de orientação exigem uma qualidade de encontro, de disponibilidade, de afetividade que configura um campo particular de experimentações de conhecimentos, diálogos e princípios. Afinal, a orientação de uma monografia, dissertação ou tese expressa um tipo de atividade acadêmica que resulta de encontros intransferíveis e únicos. Por outro lado, tenho verificado no exercício da orientação algumas pistas que sugerem a formação de uma comunidade de pensamento, de reflexão, de formulação crítica e de práticas artísticas onde determinadas questões relevantes emergem não apenas em uma pesquisa, mas em várias.

Essa percepção me leva a pensar que por mais que cada experiência de orientação deflagre intenções, interesses e procedimentos ímpares, os quais apontam para a originalidade das investigações, a consistência da verificação de determinadas questões e a relevância da temática em conformidade com a experiência da pesquisadora ou do pesquisador iniciante, existem campos de interesses que criam comunidades críticas com problemas e dificuldades de pesquisa muito semelhantes. Passo, então, a me interessar em organizar determinados entendimentos vinculados à

minha prática com a orientação de pesquisas no âmbito das Artes da Cena, tanto em nível de graduação, quanto em nível de pós-graduação.

Este artigo pretende, portanto, compartilhar um conjunto de experiências que tenho elaborado em parceria com uma comunidade específica de estudantes: as pessoas de ascendência africana ou vinculadas às religiosidades de matriz africana. Para tanto, analiso um conjunto de documentos pessoais elaborados em formato de devolutivas, cartas e pareceres acerca dos processos de escrita desenvolvidos pelas minhas orientandas e pelos meus orientandos pretos. Sublinho, porém, que, com isso, desejo tão-somente estimular o fortalecimento de reflexões sobre estas práticas de orientação no campo das Artes da Cena. Meu objetivo não é criar um manual prescritivo, mas, sobretudo, expandir a compreensão das práticas de orientação por meio de abordagens mais reflexivas e contextualizadas.

### **Sobre orientações e desorientações: o mito da aptidão genérica**

O momento da orientação é um espaço de aprendizagem por meio do qual a pessoa orientada vai desenvolver princípios éticos, elaborar alinhamentos e cruzamentos conceituais, desenvolver questões que, muitas vezes, possam se desdobrar em dimensões estéticas e fabulações poéticas, identificar adequações metodológicas e praticar o exercício da escrita e da criação. Por sua vez, a pessoa orientadora aprende, de modo dinâmico e constante, a partilhar experiências e, com isso, amadurece os princípios daquilo que se conhece como orientação. É certo dizer, por isso, que a pessoa orientada, por vezes, é quem orienta e que a pessoa orientadora é, em determinados momentos, orientada.

Nesse contexto, Peirano (2004) localiza a pessoa orientadora como uma intermediação, uma experiência de trânsito, uma figura que favorece a facilitação de trocas substantivas entre a teoria acumulada e a pesquisadora ou o pesquisador iniciante. Esse campo de partilhas, quando forjado com responsabilidade, estabelece trocas que, de maneira bastante sensível, revelam as limitações e as potencialidades não apenas da área de conhecimento onde as pesquisas se desenvolvem, como também apontam para os percalços e as possibilidades do processo de escrita.

A prática da orientação no campo das Artes da Cena desenha ciclos que envolvem a elaboração ou reelaboração de projetos de pesquisa, a definição dos formatos de escrita, o diálogo com categorias que estabeleçam convergências conceituais, a pesquisa de campo ou a experimentação de processos de criação, o ato da escrita dos trabalhos de conclusão de curso e as apresentações formais e públicas

dos resultados da investigação. Além disso, a orientação deflagra um importante exercício de autoria crítica que não apenas qualifica a pessoa orientada como também fomenta a manipulação de um corpo de conhecimentos cujo principal objetivo é refinar discursos e entendimentos acerca da localização paradigmática da pesquisa. Em suma, o ato de orientar envolve ciclos e dimensões bastante complexas.

Ressalto, porém, que apesar da complexidade das práticas de orientação, o interesse das educadoras e dos educadores brasileiros acerca da temática é bastante recente. Percebo, sobretudo nos últimos anos, a produção de determinados estudos sobre a prática da orientação no campo da Educação. Destaco, à guisa de exemplo, pesquisas que buscam compreender os processos de aprendizagem para a docência universitária decorrentes da integração dos saberes do ensino e da pesquisa na atividade de orientação, a saber: Azevedo, 2011; Bianchetti & Machado, 2002; Schnetzler & Oliveira, 2010. Entretanto, no campo das Artes da Cena o tema ainda é invisibilizado e, por isso, raramente explorado.

Tal ausência de investigações sobre o assunto, no processo formativo em Artes da Cena, resulta na consolidação daquilo que chamo de *mito da aptidão genérica para a orientação*, ou seja, a crença de que toda pessoa docente se encontra apta para orientar. Parto do entendimento de que esse mito se baseia em dois postulados bastante genéricos: i) a percepção de que as estratégias utilizadas em processos de orientação são conhecidas por todas as pessoas orientadoras; ii) a compreensão equivocada de que a orientação é a imitação daquilo que vivemos como pessoas orientadas em outros tempos.

Acredito que a prática da orientação demanda um conjunto complexo de competências que envolve a familiaridade da pessoa orientadora com o tema da pesquisa; a possibilidade de indicação da bibliografia pertinente à investigação; o fortalecimento das características positivas e do pensamento crítico no processo de orientação; a construção de condições para que a pessoa orientada constitua-se como sujeito autônomo e independente; a capacidade de resolução de conflitos e a disponibilidade para o estabelecimento de conversas baseadas em experiências pessoais (Nogueira & Leite, 2014). Entretanto, o *mito da aptidão genérica para a orientação* limita e simplifica o conjunto destas competências necessárias para que os processos de orientação se desenvolvam de maneira eficiente e institucionalmente robusta. Ademais, a reificação desse mito evoca um contexto-realidade bastante comum: a reprodução das violências vividas, como pessoas orientadas, durante nossas graduações ou nossas pós-graduações.

Esse contexto de reprodução das violências também conhecido como desorientação é marcado por uma ausência sistemática de acompanhamento da pesquisa em desenvolvimento, por uma percepção de abandono ou presença exagerada e, determinadas vezes, por uma necessidade de redesenhar, de modo pouco dialógico e autoritário, a dimensão da pesquisa a ser elaborada através de critérios definidos pela pessoa responsável pela orientação. Nesse contexto, algumas pessoas orientadoras reestabelecem padrões coercitivos que, durante longo período, marcaram o contexto das orientações nas universidades e reforçam, no campo da experiência educacional, a ideia da prática docente como fenômeno inquestionável e de suprema autoridade.

Assim, se por um lado, tal qual nos aponta Peirano (2004), a prática da orientação deve estabelecer um espaço seguro de partilhas, por meio do qual a pessoa orientadora organize as indicações sobre a pesquisa com delicadeza e firmeza, mantendo uma distância respeitosa e comprometida, com as pessoas orientadas, com seus ritmos e estilos de trabalho; por outro lado, a prática da desorientação tende a extrair das pesquisadoras e dos pesquisadores iniciantes o direito inalienável a dúvidas, a consolidação da autonomia e a dimensão da autoria ou da independência intelectual.

A prática da orientação no panorama das Artes da Cena deve configurar um contexto de trocas e relacionamentos que, longe de ser unilateral, precisa ser construído em bases responsáveis, éticas, respeitosas e valorativas, assegurando um ambiente propício para o desenvolvimento acadêmico e a emancipação intelectual. Por isso, acredito que o mito da aptidão genérica e a perpetuação de práticas coercitivas, aqui identificadas como desorientação, comprometem a eficácia dos processos de orientação e deflagram os modos por meio dos quais a ausência de competências necessárias para orientar tem criado e consolidado espaços de orientação pouco formativos e raramente robustos.

## **ORientações de Pesquisas Pretas nas Artes da Cena**

Recentemente, mais especificamente no ano de 2021, após encerrar uma sessão de orientação com uma estudante preta do Curso de Licenciatura em Dança da Universidade Federal da Paraíba, conhecida como Dendê Ma'at, envolvida nos debates raciais e no movimento cultural, religioso e artístico negro da cidade de João Pessoa/PB, ela declarou: “você não é apenas meu orientador, mas um ORientador”, demarcando de forma acentuada a expressão *Orí* no pronunciamento do termo

orientador. Mais tarde, após a expressão ser utilizada de forma recorrente, comecei a me interessar em explorar os sentidos estabelecidas na ideia de ORÍentação mediada pela noção de *Orí*.

A meu ver, a ênfase no termo *Orí* para as práticas de orientação elaboradas no contexto das universidades opera como uma espécie de ato intercultural, que vincula a experiência social do terreiro às atividades de investigação desenvolvidas no campo das Artes da Cena. ORÍentar nos revela a formação de atos de educação como axé, ou seja, como um conjunto de fenômenos oriundos da existência e da dinâmica das energias da vida (Rufino, 2019), revelando procedimentos éticos e estéticos vinculados aos contextos civilizatórios de ascendência africana.

Em livro intitulado *Orí: A cabeça como divindade - história, cultura, filosofia e religiosidade*, Jagun (2015) declara que, no contexto iorubá, a cabeça é a primeira parte do corpo que vem ao mundo e que, por isso, integra o campo físico e espiritual. A cabeça (*Orí*) é uma expressão divinal que assim como as outras divindades reverenciadas nas religiões de matriz africana demanda cuidados e zelos. Por reconhecer sua importância, os iorubás a dividiram em *orí odé*, cabeça física, e *orí inú*, cabeça interior: uma divindade individualizada.

Os iorubás reconheciam Orí como um dos deuses do seu panteão. De fato, num certo sentido, Orí pode ser considerado como o deus mais importante sobre todos os outros (exceto Olódúmaré). O Orí de todo ser humano é reconhecido como seu deus pessoal, do qual se espera que seja mais preocupado com seus interesses, muito mais que os outros deuses que são considerados como pertencentes a todos. Como um deus, Orí é cultuado e propiciado pelos iorubás, e os deuses, eles mesmos têm seu próprio Orí, dirigindo seus afazeres diários na vida (Abimbola *apud* Jagun, 2015, p. 31).

De acordo com Santos (2022), respeitar a cabeça é divinizá-la e saudá-la é uma obrigação. A cabeça deve ser alimentada para se manter em equilíbrio com a natureza circundante porquanto *Orí* é a expressão da vida. Por isso, associar as práticas de orientação de pesquisa à ideia de ORÍentação é um ato poderoso de reivindicação e de assunção das perspectivas afrodiáspóricas no panorama da formação e pesquisa no campo das Artes da Cena e, simultaneamente, um modo de organizar sentidos do axé nas práticas de orientação.

Neste contexto, a valorização da categoria ORÍentação nas práticas de supervisão de pesquisas pretas no campo das Artes da Cena não expressa apenas a operatividade de um neologismo, mas uma reconceitualização profunda do processo investigativo e formativo a partir das epistemologias e cosmopercepções afrodiáspóricas, ou seja, propõe-se um modelo de orientação que reconhece a importância da espiritualidade, da ancestralidade e dos processos identitários das professoras, professores e estudantes pretos ou vinculados às práticas religiosas de matriz africana.

A prática de ORÍentar tem me inserido em um lugar de ancestralidade a partir do qual, na qualidade de ORÍentador, me reconheço como ancestral. Diante desse panorama, minha principal preocupação tem sido desenvolver em meus ORÍentandos e em minhas ORÍentandas a capacidade crítica de operar com seus temas de pesquisa, respondendo às dinâmicas estruturais e às demandas institucionais, em panoramas de auto-cuidado, auto-preservação e auto-amor. Nesse contexto, percebo que um dos principais desafios dos processos de ORÍentação é a relação entre o ato de escrever e o tempo indicado para o desenvolvimento da pesquisa.

Observo no exercício de ORÍentar estudantes pretas e pretos, com pesquisas vinculadas ao contexto das Artes da Cena, uma descontinuidade dos processos de escrita. Dentre diversos fatores que integram motivações para essas descontinuidades se encontram as urgências mais imediatas da vida: trabalhar para comer, se vestir, se deslocar, habitar, amar e celebrar. Além disso, identifico que, muitas vezes, a prática da ORÍentação envolve estudantes que compreendem o espaço das universidades como uma arena de desesperanças e ansiedades. De modo geral, são pessoas que sofreram um complexo de violências e aprenderam a desassociar o ato de escrever da própria vida. Para este conjunto de estudantes, refletir sobre perspectivas críticas no campo das Artes da Cena, sobre ações artísticas ou práticas pedagógicas em formato de pesquisa remete a crises emocionais, evoca memórias de dor e convoca lembranças de vergonha. Reconhecer a importância de reorientar essas pessoas em um eixo de liberdade de escrita, em um jogo com as fabulações textuais, com as possibilidades de escritas criativas e performativas, com os aspectos histriônicos e não sérios da pesquisa é urgente enquanto estratégia de ORÍentação, assim como apoiar, acolher e amar a presença dessas pesquisadoras e desses pesquisadores no ambiente das universidades. Certamente, compreendo, igualmente, que quando tais movimentos são gerados e não se obtém respostas adequadas, se estabelece a necessidade de reorganização das práticas de orientação: ora, demandando colaboração a pessoas que possam coorientar; ora, em último caso, solicitando a substituição da pessoa responsável pela orientação. Deixar ir é um gesto de afeto.

Neste contexto, outro ponto que compõe minhas estratégias de ORÍentação das pesquisas é a prática dos encontros coletivos. Durante o semestre letivo, lanço a convocatória para que as minhas ORÍentandas e os meus ORÍentandos possam compartilhar seus processos investigativos nos encontros do Grupo de Pesquisa Cena Preta - Quilombo (CNPq/UFPB). Esse exercício além de integrar afetivamente as pessoas orientadas, garante o acesso a diversos materiais de pesquisa em processo de formação e o posicionamento crítico sobre dimensões típicas da pesquisa no campo das Artes da Cena. Ademais, acredito que os encontros estabelecidos de maneira coletiva contribuem na



redução de fatores associados à vergonha e ao medo da exposição, porquanto o que se estabelece é a geração de práticas de aquilombamento seguras e acolhedoras. Busco construir espaços entusiásticos reconhecendo, assim como hooks (2017) e Oliveira (2021), que o entusiasmo pelas ideias não é suficiente para criar um processo de aprendizado empolgante; afinal, nossa capacidade de gerar entusiasmo é profundamente afetada pelo interesse por ouvir a voz umas das outras e por reconhecer a presença uns dos outros. Entusiasmo resulta de redes e participações.

Por outro lado, tenho optado por elaborar cartas, pareceres e comentários, por vezes, em formato de áudios, sobre os textos ao invés de marcar reuniões individuais. As ORÍentações individuais são construídas por meio de encontros que não possuem, necessariamente, a urgência de devolutivas sobre os textos, ainda que as conversas sobre as produções em curso, em algumas circunstâncias, apareçam. O foco tem sido localizar a necessidade dos encontros e das conversas para tratar da vida como fundamento. Essa estratégia revela a importância das narrativas confessionais se vincularem às discussões acadêmicas em um processo de ORÍentação que não busca simplesmente capacitar as pessoas ORÍentadas, mas, igualmente, as pessoas ORÍentadoras. Nesse sentido, me apoio na perspectiva de hooks (2017) para refletir a ORÍentação como prática pedagógica engajada, ou seja, uma forma de organização dos processos educacionais como ensaios de liberdade.

Quando a educação é a prática da liberdade, os alunos não são os únicos chamados a partilhar, a confessar. A pedagogia engajada não busca simplesmente fortalecer e capacitar os alunos. Toda sala de aula em que for aplicado um modelo holístico de aprendizado será também um local de crescimento para o professor, que será fortalecido e capacitado para esse processo. Esse fortalecimento não ocorrerá se nos recusarmos a nos abrir ao mesmo tempo em que encorajamos os alunos a correr riscos. Os professores que esperam que os alunos partilhem narrativas confessionais mas não estão eles mesmos dispostos a partilhar as suas exercem o poder de maneira potencialmente coercitiva (hooks, 2017, p. 35).

Destaco que, com relação aos procedimentos metodológicos e aos formatos de escrita e desenvolvimento da pesquisa, tenho buscado compartilhar estratégias com as pessoas ORÍentadas que desenham campos de possibilidades; entretanto, crio espaços de muita liberdade, acentuando a importância dos textos se posicionarem de maneira política no enfrentamento ao racismo, configurando campos de atividade artística-intelectual antirracista. Se o racismo é uma forma sistemática de discriminação que tem a raça como fundamento e que, por meio de princípios conscientes ou inconscientes, culmina na criação de vantagens e privilégios para algumas pessoas em detrimento de outras, a depender do grupo racial que pertençam. O antirracismo representa a luta pela reversão radical desta conjuntura, é o conjunto de esforços e vivências pretas e indígenas na luta pela manutenção das nossas vidas e pela redução das desigualdades produzidas no sistema colonial-

capitalista, dentre os quais destaco: os quilombos, os aldeamentos, as parcerias em momentos de guerra, os motins, as rebeliões, as conjurações, as rodas de samba, os terreiros de candomblé, as rezas, bênçãos, os cantos e os saracoteios, as políticas de cota e de ação afirmativa, os movimentos negros e as práticas artísticas de ascendência africana e indígena. Toda ação de luta estruturada por pessoas pretas e indígenas, que seja combativa à dominação do supremacismo branco, é antirracista; ao contrário, porém, não acredito em pessoas brancas antirracistas, porquanto estas, mesmo quando muito empenhadas, continuam a gozar de privilégios, de forma consciente ou inconsciente, que desautorizam a efetivação de uma posição radical no combate ao racismo.

Por isso, quando convoco minhas ORÍentandas e meus ORÍentandos a elaborarem pesquisas de caráter antirracista, busco evocar um espaço de cura por meio do contato com textos produzidos por pessoas pretas, da sistematização de paradigmas de pesquisa que se relacionem com valores civilizatórios africanos, da convergência teórica e intelectual na elaboração da revisão de literatura, do combate ao mito das referências universais e dos consensos artísticos racistas, da aproximação entre arte e experiência vivida e do relacionamento entre ética e estética.

Por fim, as bancas de qualificação e defesa dos trabalhos de conclusão de curso integram, igualmente, minhas preocupações com o processo de ORÍentação como prática formativa. Acredito que como espaço de sustentação das pesquisas desenvolvidas quer seja nos cursos de graduação, quer seja nos programas de pós-graduação, o momento das bancas, sobretudo de defesa, expressa uma conquista histórica e significativa. Por vezes, nossas ORÍentandas e nossos ORÍentandos são as primeiras pessoas de suas famílias a concluírem níveis avançados de formação universitária. É um momento que agrega muitas comunidades e, por isso, nesse contexto, diversos fatores precisam ser alinhados.

A meu ver, existem colegas que são completamente insensíveis às especificidades que atravessam a vivência das pesquisadoras e dos pesquisadores pretos nas universidades e, em decorrência disto, violentam de modo grosseiro e agressivo não apenas as pessoas ORÍentadas, como as pessoas ORÍentadoras. Certamente, o espaço da defesa pública requer leitoras e leitores críticos do trabalho de investigação apresentado, mas não sádicos. Tenho muita assertividade em diferenciar crítica de violência, cuidado de condescendência. Trabalho arduamente para que minhas ORÍentandas e meus ORÍentandos consigam suplantar aquilo que Veiga (2019) chama de “efeito diáspora”, ou seja, a sensação de não ser integrado aos modos de produção de conhecimento, de não se perceber pertencente ao ambiente em que se vive e de não ser incluído nas dinâmicas sociais numa posição

equânime com as demais pessoas da sociedade. Por isso, opero zelosamente para que o cuidado integrativo das pesquisas pretas às lógicas acadêmicas percorra todas as etapas da ORÍentação, o que inclui, certamente, a composição das bancas. Nesse sentido, busco apontar, para minhas ORÍentandas e para meus ORÍentandos, nomes de colegas que compreendam a pesquisa como um fenômeno integrado à vida. Em geral, são pessoas pretas racializadas e pessoas brancas posicionadas nas lutas de enfrentamento ao racismo, ou seja, pesquisadoras e pesquisadores que colaboram com a formação e valorização de núcleos pretos de conhecimento, pesquisa, arte e compreendem o território dos seus privilégios sistêmicos.

Esse conjunto de experiências aponta para determinados fatores que têm integrado minhas práticas de ORÍentação, de estudantes de ascendência africana, no contexto das Artes da Cena, a saber: i) o fortalecimento do campo afetivo, emocional e das subjetividades pretas no panorama das universidades; ii) a valorização da coletividade no processo de elaboração das investigações; iii) o aperfeiçoamento das práticas de escrita e textualização a partir de valores vinculados à ancestralidade, à criatividade e à performatividade; iv) o posicionamento político do arcabouço metodológico, da fundamentação teórica e dos formatos do texto e v) o alinhamento ético das pessoas na ocasião da apresentação pública das pesquisas. Posso declarar que evocar a ideia de ORÍentação é uma atitude antígenocida, uma estratégia que combate o genocídio cultural, em suas dimensões ontológicas, epistemológicas e éticas, no campo da pesquisa em Artes.

Me dedico a compreender o genocídio cultural na formação em dança a partir de três dimensões principais: i) a dimensão ontológica, que se relaciona aos efeitos do racismo no ser, porquanto em uma sociedade estruturada pelo racismo, pode-se perceber que sujeitos pretos, pretas ou indígenas constroem esquemas corporais relacionados ao auto-ódio e a um desejo de embranquecimento (Fanon, 2008; Kilomba, 2019; Souza, 1983); ii) a dimensão epistemológica, que se encontra associada às regulações raciais efetivadas no campo do saber por meio de mecanismos que expressam o epistemicídio, a invisibilidade dos conhecimentos de povos tradicionais, a destruição das línguas e o apagamento de expressões culturais, artísticas, familiares ou religiosas de ascendência africana ou indígena (Arroyo, 2012; Bernardino-Costa et al., 2020; Nascimento, 2016; Nascimento G., 2019; Nogueira, 2020; Santos, 2015; Santos, 2006); e iii) a dimensão ética, que se vincula aos efeitos do racismo no poder, ou seja, na negação de direitos às etnias minorizadas, na contínua produção de estereótipos raciais, na desarticulação de ativismos políticos e, por conseguinte, na implementação do racismo como estrutura de controle e dominação (Mbembe, 2020; Quijano, 2010; Terra, 2010) (Oliveira, 2022, p. 9-10).

Diante do exposto, acredito que a noção de ORÍentação, ao incorporar a perspectiva de *Ori* e a consciência da ancestralidade, reconfigura o campo de formação de pesquisadoras e pesquisadores pretos, estabelecendo ambiências não apenas formativas, mas também de reverência e cuidado. Dessa forma, as práticas de ORÍentação, ao integrarem as dimensões espiritual, cultural e acadêmica, não

só ampliam a compreensão das relações estabelecidas na supervisão de pesquisas no contexto das Artes da Cena, mas também fortalecem a luta contínua contra o racismo e a exclusão. Em última análise, ao promover um ambiente de acolhimento e reconhecimento das especificidades culturais e identitárias, a ORÍentação expressa um modo de perpetuar o axé da vida e da pesquisa, honrando a ancestralidade e celebrando as existências pretas no contexto universitário.

### Considerações Finais

Este artigo compartilhou um conjunto de entendimentos e experiências sobre a prática da orientação de pesquisas no campo das Artes da Cena. Ao longo do texto, busquei apontar para as complexidades e os desafios que envolvem os contextos de orientação, propondo possibilidades de reflexão da orientação como espaço de reprodução, continuidade e expansão dos conhecimentos. Nesse ínterim, destaquei as práticas de orientação como procedimentos históricos que estabelecem encontros intersubjetivos, por meio dos quais tanto a pessoa orientadora, quanto pessoa orientada desenvolvem habilidades críticas, partilham experiências e refletem sobre as metodologias e os paradigmas que estruturam categorias conceituais ou fabulações poéticas para as investigações.

A meu ver, o espaço das orientações, quando estabelecido em bases responsáveis, favorece à formação de uma comunidade de pensamento crítico, onde as práticas de pesquisa produzem construções coletivas de conhecimentos. Nesse sentido, as orientações não apenas estimulam questionamentos, reflexões e interpretações dos fenômenos, mas podem contribuir para o entendimento da formação de comunidades críticas. Por isso, procurei compartilhar a importância de se combater aquilo que denominei como o *mito da aptidão genérica para a orientação* e todo um conjunto de ações coercitivas que comprometem a qualidade do processo formativo para as práticas de pesquisa, desorientando estudantes, estimulando percepção de abandono e insucesso, inviabilizando trocas e o direito a dúvidas e, por fim, corrompendo a consolidação da autonomia e da independência intelectual.

Neste contexto, busquei introduzir no campo das Artes da Cena, o conceito de ORÍentação, inspirado nas epistemologias afrodiaspóricas, com o interesse de recolocar a prática da orientação em campos de axé e fundamentos de vida, incorporando elementos de espiritualidade e ancestralidade às práticas de orientação. A ideia de ORÍentação, com ênfase na noção iorubá de *orí*, propõe um

afastamento das práticas coercitivas e estabelece relacionamentos com a proposta de uma pedagogia engajada, libertária, entusiástica, comunitária; em suma, um encontro cheio de vida.

A prática de ORientação deflagra espaços de produção de pesquisas racialmente localizadas. Por isso, se relaciona a um modelo de orientação baseado em encontros estabelecidos por professoras, professores e estudantes pretos, racialmente posicionados, ou vinculados às práticas religiosas de matriz africana. Nesse caminho, tenho buscado acionar o fortalecimento das subjetividades pretas no ambiente universitário, estimulando a emancipação intelectual e combatendo as estratégias racistas vinculadas às nossas desapareições, às descorporificações dos nossos conhecimentos e aos desencorajamentos de nossas articulações políticas (Oliveira, 2022).

Por fim, conforme explicitarei, me parece fundamental que o processo de ORientação, em seus mais diversos ciclos e dimensões, se estabeleça como arena de enaltecimento do cuidado, do respeito, da compreensão e da criticidade. Isso implica em escolhas criteriosas, desde a delimitação dos paradigmas e conceitos-chave da pesquisa até a seleção das pessoas membros das bancas, garantindo um panorama de valorização dos processos das pessoas pretas no campo da produção de conhecimento. ORientar é, em suma, reverenciar as ancestralidades, celebrar as existências e entusiasmar o futuro com práticas de esperança. Paradoxalmente, considero importante dizer que, apesar de todo esforço, nem sempre o futuro será entusiasmado; afinal, por vezes, ORientar requer atualizar o preparado da vovó Dorvalina: um conjunto de cipó caboclo, carquejo, macaé, pinhão roxo, pau pereira e capilé que pode causar amargor ao paladar.

## Referências

AZEVEDO, Maria Raquel de Carvalho. **Ensinar a pesquisar: O que aprendem docentes universitários que orientam monografias?**. 2011. 271f. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal do Ceará, Programa de Pós-Graduação em Educação, Fortaleza, 2011.

BIANCHETTI, Lucídio; MACHADO, Ana Maria (orgs.). **A bússola do escrever: Desafios e estratégias na orientação de teses e dissertações**. Florianópolis: Editora da UFSC; São Paulo: Cortez, 2002.

hooks, bell. **Ensinando a transgredir: A educação como prática da liberdade**. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2017.

JAGUN, Márcio de. **Orí: A cabeça como divindade** - história, cultura, filosofia e religiosidade africana. Rio de Janeiro: Litteris Editora, 2015.

NOGUEIRA, Bruna Mazzer; LEITE, Sérgio Antônio da Silva. A afetividade no processo de orientação de pesquisa científica. **Revista de Educação PUC-Campinas**, Campinas, v. 19, n. 3, set./dez. 2014. Disponível em: <https://doi.org/10.24220/2318-0870v19n3a2852>. Acesso em: 04 set. 2024.

OLIVEIRA, Victor Hugo Neves de. “Não vai no de serviço, se o social tem dono, não vai”: Considerações sobre ensino de arte e combate ao racismo. **PÓS: Revista do Programa de Pós-Graduação em Artes da EBA/UFMG**. v. 11, n. 21, jan./abr. 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.35699/2237-5864.2021.20670>. Acesso em: 02 set. 2024.

OLIVEIRA, Victor Hugo Neves de. “E cante um samba na universidade”: Corporalidades marginais e práticas antirracistas na pesquisa em dança. **Revista Rascunhos**, Uberlândia, v. 10, n. 2, jun./dez. 2022. Disponível em: <https://doi.org/10.14393/issn2358-3703.v10n2a2022-01>. Acesso em: 04 set. 2024.

PEIRANO, Mariza. A teoria vivida: Reflexões sobre a orientação em antropologia. **Ilha: Revista de Antropologia**, Florianópolis, v. 6, n. 1 e n. 2, jul. 2004. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/ilha/article/view/16679>. Acesso em: 4 set. 2024.

RUFINO, Luiz. **Pedagogia das encruzilhadas**. Rio de Janeiro: Mórula Editorial, 2019.

SAHLINS, Marshall. **Ilhas de história**. Rio de Janeiro, Jorge Zahar: 2003.

SANTOS, Lau. Do Oríkì à Elinga: Princípios negro-brasileiros de atuação e encenação. **Revista Brasileira de Estudos da Presença**, Porto Alegre, v. 12, n. 4, 2022. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/2237-2660121971vs01>. Acesso em: 04 set. 2024.

SCHNETZLER, Roseli Pacheco; OLIVEIRA, Cleiton de. **Orientadores em foco: O processo da orientação de teses e dissertações em educação**, Brasília: Liber Livros, 2010.

VEIGA, Lucas Motta. Descolonizando a psicologia: Notas para uma psicologia preta. **Fractal: Revista de Psicologia**, v. 31, n. esp., dez. 2019. Disponível em: [https://doi.org/10.22409/1984-0292/v31i\\_esp/29000](https://doi.org/10.22409/1984-0292/v31i_esp/29000). Acesso em: 03 set. 2024.

WAGNER, Roy. **A Invenção da Cultura**. São Paulo: Cosac Naify, 2012.